

Artes cênicas

Após imersão no bairro que quase virou caso de polícia, atores do Teatro Público retornam com espetáculo gratuito

Grupo de mascarados leva teatro e seresta ao Lagoinha

■ RAFAEL ROCHA

A intenção dos atores era alugar uma casa no Lagoinha, bairro marginalizado da capital, ficar ali nove meses numa imersão com os moradores e nunca tirar as máscaras que compunham os personagens. Mas a intervenção cênica quase vira caso de polícia. “Um dia, pegamos um táxi e o motorista perguntou: ‘você sabem que estão sendo investigados?’”, relembra Larissa Alberti, atriz e dramaturga do Teatro Público.

A cena aconteceu em 2011. Oito anos depois, o grupo retorna ao local que serviu de alicerce para a construção do espetáculo “Naquele Bairro Encantado – Episódio I: Estranhos Vizinhos”. Munidos dessa carga emocional, os atores chegam ao bairro com apresentações agendadas para hoje e quarta-feira. A montagem integra a programação da 22ª edição do Palco Giratório, um dos festivais mais interessantes do cenário nacional, graças a seu caráter de democratização do acesso.

O fator emocional aparece mais a partir da relação positiva com os vizinhos, a maioria idosos, do que com a tensão causada pela ameaça de investigação. Os gritos de “queima Jesus!” vindos de uma senhora evangélica quando via os mascarados caminhando também integram um comportamento de exceção.

“Nosso espetáculo tem esse caráter relacional, portanto criamos amizade com a grande maioria dos moradores”, assegura Larissa. Até para velório os integrantes da companhia fo-

ram chamados, mesmo depois de terem mudado do bairro. “A família de dona Lourdes nos chamou e pediu para irmos à caráter”, relembra a atriz.

Levar essa provocação cênica ao bairro Lagoinha teve o objetivo de questionar a forma estereotipada que a região é tratada, especialmente quando a mídia prefere divulgar o local como área de frequência de usuários de droga. “Nosso interesse é nessa memória do bairro, no patrimônio imaterial dessa área negligenciada, mas que é cheia de história, com movimentos culturais, foi polo de imigrantes e da boemia”, contextualiza Larissa.

Para que o resgate da memória seja possível, as características dos vizinhos encontradas durante a vivência foram reproduzidas na construção dos personagens. “Tem a senhora católica, uma ex-prostituta e um italiano, que representa os imigrantes”, explica a dramaturga.

A turma de atores também se dedica a preservar algumas práticas, como a seresta. Por isso, na quarta-feira, é a vez do “Episódio II: Ensaio Para Uma Serenata”, que vai apresentar uma serenata aos moradores com canções populares das décadas de 50 e 60.

Programa-se

Anote. Os espetáculos são apresentados em praças e unidades do Sesc na capital. A programação segue até dia 2 de julho. Informações no site www.palcogiratorio.sescmg.com.br



Grátis. O grupo de atores mascarados vai realizar uma serenata na próxima quarta-feira, na praça XV de Junho, no bairro Lagoinha

Palco Giratório

Regionalização nos palcos

A extensa programação do Palco Giratório, promovido pelo Sesc, segue até dia 2 de julho com uma gama interessante de espetáculos que dificilmente seriam apresentados pelas bandas de cá. Portanto, é bom se programar. Apesar de a curadoria do evento não trabalhar com recortes temáticos, a seleção final acaba sendo um espelho das discussões contemporâneas, conforme detalha Carol Fescina, uma das 34 pessoas que integra a equipe curatorial.

“Partimos de um olhar individual, mas o panorama do que está acontecendo no país apareceu de forma orgânica”, disse ela ao **Magazine**.

A representatividade regional é um dos eixos que aparece com relevância, por isso é importante ficar atento ao espetáculo “Vestido Queimado”, do grupo Soufflé de Bodó Company, do Amazonas. Do Amapá, chega “A Mulher do Fim do Mundo”, da Associação Artística Cultural Cia. Casa Circo – é a primeira vez que uma peça daquele Estado participa do evento de circulação teatral.

O solo amapaense debate sobre a questão feminina, tema também preferido por outras montagens, segundo informa a curadora.

A terrível história de uma mulher que teve seu corpo arastado por uma viatura da

Polícia Militar ainda em vida é mote do espetáculo “A Mulher Arrastada”, da Dramaturgia Diones Camargo (RS).

Permitir intercâmbio entre os diversos grupos de teatro é outra ação destacada do Palco Giratório. A partir dessa vontade, a turma gaúcha vai trocar experiências com a atriz Ana Régis, que performa o espetáculo “Peixes”, cuja abordagem também fala de opressão sofrida por mulheres.

Ao todo, a circulação alcança 138 cidades em todos os Estados do país. Januária, Uberlândia, Poços de Caldas, Ouro Preto e Juiz de Fora são cidades mineiras que também serão visitadas. (RR)

Destaques

Diante da diversidade de opções, o **Magazine** destacou algumas montagens. Veja abaixo uma breve seleção dos destaques da programação do Palco Giratório:

● “Traga-me a Cabeça de Lima Barreto”, da Cia. dos Comuns (RJ), com interpretação de Hilton Cobra

● “Meu Seridó”, da Casa de Zoé (RN), com a atriz Titina Medeiros

● “Cria”, da Cia Suave/Alice Ripoli (RJ)

● “A Mulher do Fim do Mundo”, da Associação Artística Cultural Cia. Casa Circo (AP)



O espetáculo de dança “Cria” abrange passinhos do funk carioca



Em “Meu Seridó”, um passeio delirante pelo sertão arcaico e mítico



Um jantar é oferecido em “Aqueles – Dieta Para Caber no Mundo”



a dama da NOITE

POR / JESSICA SOARES

Foi em uma noite de abril de 2011 – o motorista pode confirmar. Ele guiava o ônibus, já vazio, morro acima. Ela, sozinha, descia leve. Tinha os cabelos longos, loiros, encobertos por renda branca como a que usam as noivas. A distância não deixou ver, mas, sob a mortalha alva, trazia nas narinas dois chumaços pesados de algodão, barreira áspera para impedir que vazasse o que tem do lado de dentro. Sem dizer palavra, seguia inscrevendo nas ruas o cheiro doce da flor cujo perfume só se sente à noite.

Na encruzilhada, seguiram caminhos opostos. Mas, desde aquela madrugada, Carlos espera mais uma aparição da moça-fantasma, Maria-Que-Morreu-Antes, como a que narrou o outro Carlos, o **poeta de Itabira (!)**. Em suas viagens noturnas, deixa a câmera fotográfica sempre à mão: quer provar que ela, que é feita de vapor e lembrança, anda também pelo mundo da carne. Provavelmente não sabe que, se assuntar na barbearia da rua Itapecerica ou ali na padaria, não será indagado pelo registro. Por lá, também se lembram de quando a Loira do Bonfim andou na Lagoinha.

Ela foi primeiro avistada na rua do Bonfim, saindo do Cemitério. “É uma noiva”, alguém arriscou. Para outros, não restavam dúvidas, era assombração. Apreensivos, céticos e curiosos observavam enquanto a figura de vestes brancas se aproximava lentamente com madeixas douradas, imagem que remetia àquela da personagem feminina narrada por tantas vozes masculinas a partir da década de 1940.

Segundo alguns, tinha hora marcada. Nos tempos em que os trilhos do bonde ligavam o centro de Belo Horizonte aos bairros periféricos, era por lá que ela aparecia. Embarcava na última viagem da noite, rumo ao ponto mais perto do Cemitério – um baita susto em potencial para as 73 milhões de pessoas que chegaram a utilizar o transporte público anualmente depois de sua inauguração em 1902. Depois de 1963, quando o sistema, relegado à obsolescência, foi permanentemente aposentado, outros relatos localizavam a Loira na famosa zona boêmia da Região Noroeste.



“Eu sou a Moça-Fantasma / que espera na Rua do Chumbo / o carro da madrugada. / Eu sou branca e longa e fria, / a minha carne é um suspiro / na madrugada da serra. / Eu sou a Moça-Fantasma. / O meu nome era Maria, / Maria-Que-Morreu-Antes”, diz o primeiro verso do poema *Canção da Moça-Fantasma de Belo Horizonte*, de Carlos Drummond de Andrade, presente no livro *O Sentimento do Mundo*.

A moça teria frequentado os mesmos bares e esquinas sobre os quais proseia **Pirolí (!)** – a Lagoinha dos bêbados, das putas, da “fina flor da malandragem” e da única e sempre assediada garçonzete da praça, que jaz hoje debaixo do **viaduto (!)**. Quando o relógio batia as duas, reza a lenda que a bela mulher aparecia por lá para seduzir um homem e convencê-lo a acompanhá-la até a sua casa. O susto dos desavisados era dar de cara com o território de lápides e mausoléus de mármore, a necrópole construída para abrigar os mortos dez meses antes da inauguração da metrópole dos vivos. O Cemitério do Bonfim aparece sempre como lar dessa assombração sem vítimas fatais, aniquiladora apenas de um certo ideal de masculinidade. Erguido sob os mesmos ares de modernidade que nortearam a construção da capital mineira, o sepulchrário nasceu secularizado, afastado dos arredores das igrejas – um passo para o rompimento com o modelo colonial que aspirava o engenheiro Aarão Reis. Entre os anos de 1897 e 1941, foi o único abrigo para os mortos de Belo Horizonte, residentes das lápides de pedra que hoje recebem turistas.

Na noite em que deixou sua morada, a moça-fantasma causou alvoroço. Houve quem sugerisse jogar pedras para espantar a assombração. A polícia foi chamada para intervir. Os jornais foram convocados para tentar dar conta da materialização corpórea daquela que juravam ser mito. A comitiva disforme seguia em procissão ao seu encalço, enquanto a noiva-fantasma fazia caminhada silenciosa, circulando seu território de pedras.

Foi avistada novamente em perambulações solitárias, levadas a passos lentos, interrompidos apenas quando se aproximava para entregar, a algum passante corajoso, um pequeno envelope de papel – cartas de amor anônimas, declarações apaixonadas e, talvez não por acaso, marcadas por passados que transbordam no presente. “Os mortos sonham com fantasmas”, diz uma das mensagens escritas em papel amarelado que carregava o mesmo perfume de sono da mulher de véu. Palavras, antes entregues em movimentos lúgubres, até sua portadora desaparecer das ruas para residir nas lembranças de quem vive as muitas Lagoinhas imaginadas.

SOBRE ALMAS E MÁSCARAS

A moça de branco passou nas penumbras do tradicional bairro da Região Noroeste de Belo Horizonte na mesma época em que quatro personagens mascarados passaram a (re) habitar uma casa na Rua Ibiá. Os atores e as atrizes **Eberth Guimarães, Larissa Alberti, Marcelo Alessio, Rafaela Kênia, Rogério Lopes (!)** – com participação de Fernando Linares e de Michelle Braga, cuja máscara era a lenda urbana – realizaram em 2011 uma habitação teatral no bairro Lagoinha, uma experimentação dos princípios de inserção do espectador no jogo teatral e do deslocamento da cena para os espaços do cotidiano. Durante nove meses, os velhos mascarados – idosos que teriam vivido boa parte de suas vidas na Lagoinha e que agora retornavam para casa – conviveram diariamente com moradores.

Sem nunca revelarem seus rostos, o grupo ocupou o bairro e o cotidiano daquele espaço. Com passos às vezes mais arrastados (é a coluna, que já não é como antes) e vestes iguais àquelas que se usavam para conferir a matinê de domingo no Cine Mauá ou São Cristóvão, passeavam pelas mercearias, pela Igreja, pelos bares e esquinas, sempre papeando com quem estivesse disponível para a prosa.



O contista Wander Pirolí nasceu em Belo Horizonte em 1931. O livro *Lagoinha*, da coleção *BH de Cada Um*, reúne textos escritos por ele, ao longo de sua trajetória, sobre o bairro em que nasceu e morou durante muitos anos.

A Praça Vaz de Melo, “porta de entrada” para o bairro, era reduto de boêmios e ponto de encontro de compositores, especialmente os de samba. A implosão da praça, em 1981 – para dar lugar ao Complexo Viário da Lagoinha – implicou o apagamento de uma parte importante da identidade histórica e cultural da cidade.

O grupo Teatro Público – hoje formado por Larissa Alberti, Luciana Araújo, Rafaela Kênia e Rafael Bottaro – nasceu em 2011, em função da realização do projeto de habitação teatral desenvolvido no bairro Lagoinha em Belo Horizonte.





O trabalho teatral contou com uma pesquisa histórica sobre a Lagoinha – as personas imaginadas por cada ator eram figuras que povoam a memória do bairro e que permitiam trazer à tona aspectos da memória daquele espaço como um convite ao diálogo e a uma construção artística permeada pelas relações formadas ali. A vivência oferecia também outras versões para as Lagoinhas narradas nas páginas de jornais e livros – as imagens de um bairro pretérito e decrépito eram desafiadas pelo cotidiano vivo que os mascarados passaram a integrar.

Ao longo do processo, a surpresa e o estranhamento gerados por aquelas figuras foram, aos poucos, se desdobrando em relações de afeto e amizade. Enquanto percorriam a região, não eram mais Rogério, Rafaela ou Larissa. Eram Zé Poeta, Juju e Magnólia – o poeta, a ex-prostituta, agora aposentada, a comadre da Igreja –, velhinhos de carne e osso que inspiravam moradores do bairro (residentes de casas ou das calçadas) a oferecerem um braço de apoio para enfrentar os morros que sobem e descem a Lagoinha. Cada um foi agregando características aos seus personagens a partir da percepção das pessoas com quem conviviam e do que diziam sobre os mascarados. Por meio das conversas e dos laços estreitados pela convivência prolongada, memórias eram reativadas e ressignificadas em um jogo potencializado por aquele espaço que é lar de uma comunidade de vínculos antigos.



Trabalho enviado para a equipe da Revista Marimbondo em resposta à convocatória pública realizada em abril de 2016. O artigo foi originalmente publicado na revista Pós (v. 5, n. 10, p. 44 - 57, novembro, 2015)

RESSIGNIFICAÇÃO DAS FRONTEIRAS ENTRE ARTE E VIDA

“A dilatação temporal da experiência de interação possibilita o desenvolvimento de uma relação de cumplicidade com os moradores do bairro. Ao longo dos nove meses, instaura-se uma memória partilhada entre os participantes daquela experiência cênica, pautada pelo jogo entre o real e o ficcional. Com isso, são estabelecidas relações que valorizam não só o momento presente, mas também o caráter de duração de um convívio, que se inicia meses antes, em um tempo passado. Dessa forma, os mascarados passam a integrar o imaginário afetivo da região.”

Para entender a qualidade da relação construída a partir desse convívio, é interessante notar que a teatralidade explorada pelo grupo surge de uma dimensão paradoxal. Se, por um lado, a materialidade e a expressividade das máscaras demarcavam claramente um território ficcional para aqueles personagens, por outro, a presença diária e capilar no bairro sugeria, inversamente, uma relação de vizinhança que não dizia respeito ao terreno do ficcional, e sim, ao do cotidiano. Dessa forma, a teatralidade inerente à máscara contrastava de maneira radical com a performatividade proporcionada pela experiência da residência de longa duração.

Segundo relatos dos atores que participaram do projeto, houve uma mudança na maneira como os moradores tratavam os vizinhos mascarados, o que pode ser encarado como reflexo desse paradoxo. Se, inicialmente, eles expressavam uma relação de desconfiança com essas figuras, inclusive questionando porque eles estavam ali ‘fazendo teatro’, com o passar dos meses, esse efeito inicial de ‘não credulidade’ cedeu espaço para a construção de relações afetivas concretas com aqueles ‘novos moradores’, que passaram a ser tratados também como pessoas, não só como personagens. Ou seja, quando os moradores aderem ao jogo ficcional proposto pela habitação cênica, deixam de comportar-se apenas como público e tornam-se também jogadores naquela situação fabular.”

Trecho do artigo “O teatro como dispositivo relacional na habitação cênica Naquele Bairro Encantado”, da jornalista, crítica teatral e doutoranda em Artes Cênicas pela ECA/USP, *Julia Guimarães (!)*.

Essa experiência culminou no espetáculo de rua *Naquele Bairro Encantado*, realizado, pela primeira vez, em agosto daquele mesmo ano. Sem um texto prévio, a ação foi um convite a uma deriva pela Lagoinha da atualidade em diálogo com memórias e imagens de seu passado. O trabalho foi dividido em episódios: no primeiro, “Estranhos Vizinhos”, o público foi convidado a fazer um passeio pelo bairro acompanhando os mascarados em ações cotidianas e tomando parte das conversas puxadas entre personagens, moradores, transeuntes e espectadores. No segundo, “Ensaio para uma Serenata”, o grupo saía pelas ruas oferecendo canções populares dos meados do século passado. No terceiro, “Jogo da Velha”, a casa habitada pelo grupo de mascarados foi aberta aos vizinhos e ao público visitante, ação que oferecia um olhar sobre o universo íntimo daquelas figuras que ganharam vida completa durante a experiência.

Quem acompanhava o papo fácil entre habitantes da Lagoinha e mascarados, já tão confortáveis naquele espaço e no diálogo, era prontamente convidado a entrar no jogo cênico – uma ficção viva e pulsante atravessada pela realidade, em que os moradores eram também atores ativos e personagens da ação teatral. Para Dona Lourdes, moradora antiga do bairro que vivenciava Alzheimer avançado, as mascaradas Juju e Magnólia, aquelas figuras com corpos cênicos tão parecidos com seu próprio, eram suas amigas de infância. Os laços criados foram estreitados no tempo de vivência compartilhada e nas serenatas realizadas em frente à sua casa – que abria de bom grado para receber todo o público da cantoria e matar saudade dos velhos compadres e comadres. Com o falecimento de Dona Lourdes, sua família convidou os velhos para uma última música. Sob as máscaras, lágrimas e canções com voz embargada se misturavam na despedida. *“Igual uma borboleta dançando triste por sobre a flor”*, entoavam, como Maria Bethânia, a pedido da família. Favorita de Dona Lourdes, a canção “Meu primeiro amor” passou a integrar o repertório das apresentações. ●



De volta ao cartaz

Um bairro de muitas saudades, fantasias e mortes

Os processos de criação de espetáculos do Grupo Teatro Público partem sempre de uma vivência. Para contar a história de uma comunidade, o coletivo se instala no espaço onde vivem os futuros personagens e passam meses convivendo e criando relações com o cotidiano daquelas pessoas.

Das experiências e das intervenções realizadas, o grupo retira material para a construção dos trabalhos. Foi assim em 2011 com "Naquele Bairro Encantado", quando passaram um ano na Lagoinha, e com "Saudade", peça de 2014 que volta ao cartaz amanhã. A temporada segue até 3 de setembro, com apresentações sempre aos sábados, às 16h30.

Por oito meses, o grupo morou no bairro que dá título à peça. A escolha da região dá continuidade ao propósito de criar um diálogo com comunidades periféricas, estigmatizadas pela violência e marcadas pelo descaso. Ao mesmo tempo em que busca ressignificar estes espaços, convidando moradores de outras regiões para percorrer o bairro, o grupo procura também o encontro com novos públicos, habi-

cial, queremos que o espectador tenha a experiência estética de estar em um espaço muito bonito e cheio de símbolos, mas que também está degradado pela história", comenta Marcelo.

Uma dessas experiências que o grupo tenta proporcionar ao público passa pela apreciação da vista da cidade que se pode ter do alto do cemitério. Não a toa, o espetáculo é realizado no fim da tarde, na expectativa de integrar a contemplação do pôr do sol à dramaturgia do trabalho.

Marcelo conta que, durante a pesquisa, o elenco entrou em contato com muitas histórias de moradores, de lembranças de pessoas que já haviam trabalhado no cemitério. "Dessas conversas, percebemos que a presença da morte para a comunidade tem uma aura um pouco fantástica. A morte é quase uma personagem do bairro e as histórias construídas a partir do convívio com os rituais fúnebres trazem um aspecto de realismo fantástico para o dia a dia da comunidade", conta o ator.

Essa aura a que se refere Marcelo é representada no

procura também o encontro com novos públicos, habitantes destes contextos geográficos e sociais.

Construído ao redor do Cemitério da Saudade, o bairro traz, no dia a dia, a presença da morte e seus rituais. "Alugamos uma casa e fomos morar perto das pessoas que habitam o entorno do cemitério. Escolhemos o bairro pela presença da morte e pela forma com que isso interfere na vida de quem mora ali. Quando vamos ao Saudade, percebemos que ele tem a força do espaço físico, mas também do simbólico que representa", conta o ator Marcelo Alessio.

O Cemitério da Saudade é um dos espaços que o espetáculo percorre, levando o público a transitar também por ruas e praças do bairro. "Mais do que a relação espa-

Essa aura a que se refere Marcelo é representada no espetáculo pela história de Zenóbio de Andrade Reis Boaventura, morto que desapareceu nas imediações do Cemitério da Saudade quando era transportado para seu velório. Tempos depois do seu desaparecimento, o morto se transformou em personagem da peça e também do Bloco do Saudade, que fez sua estreia no Carnaval de 2016. (JA)

Agenda

O QUE. Espetáculo "Saudade"
QUANDO. De amanhã a 3 de setembro, sempre aos sábados, às 16h30

ONDE. Montagem itinerante que tem início em frente à portaria principal do Cemitério da Saudade (rua Carrié, 585, Saudade)

QUANTO. Entrada gratuita

WUHLER/REDAÇÃO O TEMPO



Grupo cria intervenção no entorno do Cemitério da Saudade

ARTES CÊNICAS

Pelas ruas do "Saudade"

Em 1942, era erguido o cemitério da Saudade, segunda necrópole da capital mineira (depois do Bonfim) e ponto de partida para o desenvolvimento do bairro da zona leste de Belo Horizonte que servia de inspiração para a montagem do mais recente espetáculo do Grupo Teatro Público.

A partir da aura de finitude que ronda o local, a trupe especializada em espetáculos de rua e intervenções urbanas apresenta "Saudade", montagem que conta a história de Zenóbio de Andrade Reis Boaventura, morto que resolve levantar do caixão em busca de um fim mais digno.

Nas apresentações, que acontecerão todos os sábados a partir do dia 9, público e artistas integram durante uma peregrinação de três horas pelo bairro.

"A gente pensa que es-

sa aura de morte faz parte do bairro e do cotidiano dos moradores. Foi com isso que quisemos dialogar, abordar de alguma maneira o que está em torno, essas pessoas vizinhas da morte", explica Marcelo Alessio, in-

tegrante do grupo.

Composto por atores mascarados, o Teatro Público se propõe a redescobrir a memória e resgatar a identidade de bairros emblemáticos da capital, fugindo de apresentações no tradicion-

nal modelo em palco italiano. "No início, os moradores estranham, um monte de personagem ocupando o bairro. Aos poucos, vamos conseguindo que eles participem, é muito interessante perceber como é esse proces-

so de mudança", explica Marcelo.

Foi assim em 2011, quando o grupo alugou uma casa e passou a habitar a região do bairro Lagoinha, povoando o cotidiano dos moradores com imagens saudosis-

tas do passado. Depois, foi a vez de Venda Nova (2012) e Serra e Barreiro (2013).

Os ensaios nas ruas do Saudade já aconteceram há mais de seis meses, sendo considerados pelo grupo como um grande espetáculo que terá sua síntese apresentada. Além disso, o início da temporada serve como um convite para os moradores de outras regiões de BH se unirem à peregrinação dos familiares e amigos de Zenóbio, o falecido. "A gente convida o público a, mais do que assistir, caminhar pelo bairro com esses personagens em um grande rito", finaliza Marcelo. (Da redação)

9.ago.
(estrela)



"Saudade" é baseada no misterioso sumiço de um corpo em um bairro tomado pela presença da morte

Saudade

Com Grupo Teatro Público
Espetáculo montado com apoio
em parte do Conselho da Saudade
p. Carreira, 201. Saudade: 2012-4142.
Sábados, 20-20:30. Ingresso: R\$ 22,00.

MONTAGEM ITINERANTE

A apresentação de *Saudade* começa durante o dia e atravessa a noite, passando por vários locais do bairro

ANA CLARA BUANT

O Bairro Saudade, na região Leste de Belo Horizonte, foi o escolhido pelo grupo Teatro Público para apresentar seu novo espetáculo. A trupe promove, sempre aos sábados, às 16h30, até 27 de setembro, a interação entre atores mascarados e os moradores locais. *Saudade* conta a história de Zenóbio de Andrade Reis Boaventura, um morto que desapareceu nas imediações do Cemitério da Saudade quando era transportado para o seu velório. O que a família não imagina é que o morto, em um ato de rebeldia, levantou-se do caixão simplesmente pelo fato de ter escolhido um fim mais digno. "O bairro tem esta coisa muito forte da presença da morte, do cemitério, o segundo construído na cidade. Ele é quase um personagem. Tentamos de alguma forma dialogar com esse espaço", comenta um dos atores e diretores da peça, Marcelo Alessio.

No projeto anterior, o Teatro Público apresentou *Naquele bairro encantado*, que recuperava a memória de bairros antigos da capital como Lagoa Nova, Venda Nova, Barreiro e Serra. Marcelo Alessio destaca o envolvimento dos espectadores e essa interferência da ficção na vida real e vice-versa. "A ideia de ir para a rua é justamente ter esse grau de abertura e também de fazer o teatro invadir o cotidiano das pes-

soas. É muito interessante essa interação", diz.

Para contar a história de Zenóbio, a companhia optou por trabalhar com dois núcleos de personagens. Interpretados pelos atores Diego Poça, Lúcia Araújo, Marcelo Alessio, Rafael Bottaro e Rafaela Kênia, que também são diretores, os grupos são identificados como a família do falecido e seus amigos de boemia. A composição dos papéis foi inspirada nos mascaramentos das matrafonias, figuras presentes na cultura popular de algumas regiões de Portugal, e nas máscaras da tradição do teatro bulgárico.

"Um homem morre e o corpo desaparece. Onde e com quem está esse corpo? Essa será a grande surpresa, assim como outras que a gente não pode revelar. Tem muita novidade", adianta Marcelo Alessio. Como o espetáculo tem três horas de duração, ele começa durante o dia, às 16h30, e atravessa a noite – e esse tempo altera a percepção da montagem. "*Saudade* tem dois momentos. Quando a noite cai e o pôr do sol, ainda mais que a região é alta e tem uma vista muito bonita, o espectador passa a vivenciar outra experiência. Tenho certeza de que vai ser algo novo. O encontro da realidade e da ficção é muito tênue", afirma Marcelo Alessio.

A direção musical é de Eberth Guimarães, enquanto que a dramaturgia e as intervenções urbanas com a palavra ficam a cargo de Larissa Alberti.



SEM PRECISO INVOLUÇÃO

SAUDADE

Em apresentação aos sábados, a partir das 16h30, até 27 de setembro, nos ruas do Bairro Saudade. O espetáculo itinerante começa a ser apresentado em frente à portaria principal do Cemitério da Saudade, Rua Camêlo, 521, Bairro Saudade. Classificação etária livre. Grátis (exceto doação). Imagem: João Gomes

Saudade, do grupo Teatro Público, conta a história do morto que sumiu o caminho de seu velório

Veneza ou Paris? É no Saudade!

● Botando a cara na rua, o Grupo Teatro Público estreia peça sobre a morte, com algumas surpresas no caminho

Elisara Duarte

elisara@hojeemdia.com.br

Um mistério circula pelas ruas do bairro Saudade. Para desvendá-lo, o Grupo Teatro Público estará no local a partir de amanhã, e até 27 de setembro, sempre aos sábados, às 16h30. A ferramenta para esta descoberta é a peça "Saudade", que será apresentada no bairro da região Leste, diante de um dos melhores ângulos para admirar o pôr-do-sol em Belo Horizonte.

O cenário natural, melancólico mas belo, é propício à temática mórbida da apresentação, com duração prevista para três horas. O início da itinerância será em frente à portaria principal do Cemitério da Saudade (rua Cametá, 585).

Os atores Diego Poça, Luciana Araújo, Marcelo Alessio, Rafael Bottaro e Rafaela Kérnia estão no bairro há seis meses, se inteirando das lendas e histórias da região - e das pistas - para descobrir a história de Zenóbio de Andrade Reis Boaventura, morto que desapareceu nas imediações do Cemitério

da Saudade quando era transportado para seu velório.

Zenóbio, chefe da boemia local, era querido por todos. Como é possível desaparecer com o corpo dele? A família, colada, sendo privada de fazer as cerimônias fúnebres, até jogar a pá de cal.

Durante o semestre em que visitou o bairro, o grupo apresentava e testava trechos da peça. "Neles, o fantasma do Zenóbio andou pelo bairro. Também afixamos cartazes pedindo informações sobre o cadáver, com telefone e e-mail da Bárbara, a viúva fictícia. Ligavam perguntando se era verdade. Depois, acabavam inventando histórias conosco", lembra Alessio.

Acontece que a história não tem fim, avisa o ator. Mas quem acompanhar o trajeto terá surpresas.

SAUDADENOALVO

A partir de 2011, quando surgiu, o Teatro Público criou a peça "Naquele Bairro Encantado", falando sobre o bairro Lagoinha e desdobrado para outras localidades. O intuito de trabalhar com o tema da morte levou a trupe ao



ONDE ESTÁ ZENÓBIO? - Cena do espetáculo "Saudade", do Grupo Teatro Público, que "passa na rua direto", segundo morador

Saudade.

Por essas e outras é que Alessio diz que o Saudade "tem potencial" e dá tanta inspiração para a arte. Concorde o funcionário público Alex Lanna, morador do Saudade há pelo menos 20 anos.

Ele tem visto "o pessoal do teatro, passando na rua direto". "Eles encenam um cortejo. Quem dera se o Saudade virasse uma Veneza, uma Paris, culturalmente falando. Se essas manifestações pudessem ser mostradas com mais frequência nas ruas, seria ótimo". ●

SABIA MAIS

Cemitério foi criado para 'carentes'

A "aura" da morte apareceu muito depois que o cemitério da Saudade foi construído, em 1942, pelo então prefeito de Belo Horizonte Juscelino Kubitschek. O local foi idealizado para sepultamento de mortos de famílias "carentes", que desejavam "obter um jazigo perpétuo, mas não tinham acesso ao imponente Cemitério do Bonfim", lembra o site da Prefeitura Municipal.



Artes cênicas

Grupo Teatro Público estreia hoje o espetáculo "Saudade", desenvolvido nas ruas do bairro homônimo da capital

O que aconteceu a Zenóbio?

■ DANIEL OLIVEIRA

No último mês de março, o bairro da Saudade em Belo Horizonte foi pego de surpresa por uma situação inusitada. Durante um velório rumo ao cemitério localizado ali, o corpo do morto Zenóbio de Andrade Reis Boaventura simplesmente desapareceu.

Nas semanas que se seguiram, houve quem dissesse ter visto o falecido caminhando pelas ruas do bairro. Pouco depois, cartazes de "procura-se" foram espa-

lhados pelos postes da região em busca do corpo. Não demorou até que a família do morto invadisse o bairro, prometendo não sair até que ele fosse encontrado. E eventualmente foi: junto com seus amigos da boemia, bebendo e cantando uma vida bem vivida — e bem morrida.

Isso realmente aconteceu, mas foi tudo parte do processo de criação do novo espetáculo do grupo Teatro Público. A síntese desses três meses de intervenção e interação pode ser conferida a

partir de hoje, às 16h30, na peça "Saudade", que será encenada pelas ruas do bairro todo sábado até o dia 27 de setembro.

"No nosso primeiro espetáculo, no bairro Lagoinha, já havia o Cemitério do Bonfim e, querendo ou não, a gente circulou um pouco em torno dele, por mais que o foco da montagem fosse outro", conta o ator e diretor Marcelo Alessio, referindo-se à peça "Naquele Bairro Encantado".

O interesse em abordar a temática da finitude da vida

e as paisagens ligadas à morte foi plantado ali. E, associado ao objetivo de continuar trabalhando com a ideia de ocupação teatral de algum bairro da cidade, levou o gru-

po até o bairro da Saudade para investigar a "aura de morte que circunda aquele espaço". "A diferença em relação ao espetáculo anterior é que, desta vez, a gente chegou ali com uma história e uma dramaturgia pré-definidas, que foram desenvolvidas por meio de uma estratégia", explica Alessio.

Essa estratégia consistiu de quatro ações, em que os integrantes do grupo usavam diversos espaços do bairro — inclusive em torno do cemitério e dentro dele —, mapeando e interagindo com eles. A cada nova etapa, uma parte da história desenvolvia-se um pouco mais.

A primeira ação foi o fantasma de Zenóbio vagando pelo bairro. A segunda foi o surgimento, da noite para o dia, dos cartazes em todos os postes procurando pelo falecido. A terceira trouxe a família e as viúvas para o bairro. E a última, finalmente, reintroduziu o morto ao lado dos amigos boêmios.

"Os personagens andavam pelas ruas se relacionando com as pessoas e os espaços, e foi a partir desse diálogo e dessa forte interação com os habitantes da região que o espetáculo foi construído", descreve o ator e diretor. Segundo ele, a habilidade de lidar com a imprevisibilidade dessas interações e a abertura ao jogo do acaso — e da reação da ficção à realidade — demandaram um forte trabalho de improvisação.

"As crianças e adolescentes brincando nas ruas rea-

giam muito fortemente às viúvas caminhando pelo bairro. Já os boêmios do bairro gostaram muito dos amigos do Zenóbio cantando samba e chorinho, celebrando. Hoje, isso faz parte do espetáculo", descreve.

MÁSCARAS. Contudo, para traçar uma linha divisória entre realidade e ficção, o grupo faz uso de máscaras, assim como em "Naquele Bairro Encantado". "Se você olha e vê na rua alguém mascarado, sabe de cara que é uma ficção", justifica Alessio.

Em "Saudade", eles usam dois tipos diferentes de máscara. Para os véus e o luto da família de Zenóbio, o grupo se inspirou nas matriarcas da cultura popular portuguesa — homens que se vestem de mulheres e cobrem os rostos com panos, numa espécie de Carnaval. Já para os boêmios, foi feita uma releitura das máscaras tradicionais do teatro balinês, confeccionadas pelo professor Rafael Bottaro, da UFMG.

A clara inspiração da história em "Quincas Berro D'água" não é por acaso. Alessio afirma que surgiu quando o grupo começou a pesquisar sobre a morte, e incluiu também a literatura de Gabriel García Márquez. "Queríamos obras que tratassem o tema da morte de forma mais poética, fantástica e cômica", diz o diretor, antecipando o que o público pode esperar.



Morte. Grupo parte do desaparecimento de um corpo para explorar a geografia e os habitantes do bairro da Saudade, em Belo Horizonte

Ocupação Rosa Leão completa 1 ano de Luta!

Alfonsina Reiter



Apresentação teatral durante comemoração do primeiro aniversário da ocupação Rosa Leão, em MG.

A Ocupação Rosa Leão, em Belo Horizonte, comemorou um ano de luta! Apesar de muitas dificuldades enfrentadas pelo movimento, esse evento político, cultural e gastronômico demonstrou que o povo não se rende e constrói sua própria história. Muitos vieram festejar em solidariedade, inclusive dias depois chegou uma linda surpresa Naquele Bairro Encantado... Felicitações e muita força à Ocupação Rosa Leão, que dá continuidade a uma luta histórica do povo brasileiro e dos povos do mundo e, por sua vez, serve como exemplo para que tantas outras pessoas percebam que lutar é a alternativa do povo. (Página 6)

Ocupação Rosa Leão cumpre um ano de luta!

No dia 17/05/14, a Ocupação Rosa Leão cumpriu um ano de luta, numa comemoração político-cultural que incluiu muita comida, cultura e alegria. Com a participação de diversos movimentos sociais e organizações culturais que prestam solidariedade e apoiam sua luta, a festa representou um marco importante no difícil caminho percorrido por aquelas famílias que escolheram lutar por seus direitos e contra os interesses do grande capital imobiliário e sua corteja de lacaios.

Com um palco instalado e com bandeiras verticais por todas partes, a coordenação da Ocupação abriu a noite com homenagens e agradecimentos àqueles personagens e organizações que contribuíram com esse primeiro ano de luta. Todos os presentes, moradores e convidados, puderam em seguida compartilhar o prazer de celebrar o primeiro aniversário da Ocupação Rosa Leão.

Várias atividades culturais coloriram a festa, proporcionadas por moradores e apoiadores da ocupação. A festa fechou com chave de ouro, o Duelo de MC's, atividade de resistência cultural reconhecida em toda a cidade e no país também como forma

de luta, ocupando diversos espaços da capital mineira.

Apesar das inúmeras mobilizações e diversas reuniões com autoridades de todos os níveis - regional, municipal, estadual e federal -, a ocupação Rosa Leão continua sob ameaça de despejo e sem possibilidade de diálogo com a prefeitura, assim como as outras três ocupações na chamada Mata do Isidoro - Ocupações Zilah Spósito-Helena Greco, Vitória e Esperança - e todas as ocupações no município de Belo Horizonte. Infelizmente, pouco há avançado em benefício das famílias desde que o Jornal Inverta noticiou a situação da Rosa Leão na edição 469 de novembro de 2013.

As inúmeras dificuldades enfrentadas por esses lutadores e lutadoras e as arbitrariedades do poder judicial e executivo não foram suficientes para dissuadir as milhares de famílias cuja única alternativa é lutar por uma vida digna. Não é fácil resistir contra as grandes empreiteiras, o capital imobiliário e os políticos, grandes e pequenos oportunistas que consideram o Parque do Isidoro, a última área verde de Belo Horizonte,

te, a "cercia do bolo" da especulação imobiliária. Com inimigos poderosos e numerosos, enfrentando obstáculos internos e externos, o povo das ocupações realiza um esforço cotidiano para se organizar e viver em comunidade, as tarefas mais difíceis para quem resiste. Além disso, durante esse primeiro ano de luta, já foram realizadas as mais diversas atividades políticas e culturais, desde a ocupação da prefeitura de Belo Horizonte, marchas e passeatas pela comunidade e pela cidade de Belo Horizonte, o desfile do bloco de carnaval Filhos do Tcha-Tcha, até uma jornada de doação de sangue, cine-fórum, e a mais recente campanha de alfabetização na ocupação.

Felicitamos a muita força à Ocupação Rosa Leão, que dá continuidade a uma luta histórica do povo brasileiro e dos povos do mundo e, por sua vez, serve como exemplo para que tantas outras pessoas percebam que lutar é a alternativa do povo. Erguemos nossa voz em apoio aos moradores e moradoras da Ocupação Rosa Leão ao entoar uma de suas palavras de ordem: "O povo unido

jamais será vencido. O povo organizado jamais será humilhado!"

Ocupação Rosa Leão: Naquele Bairro Encantado...

Depois das comemorações de seu primeiro aniversário, a Ocupação Rosa Leão recebeu um grupo de visitantes misteriosos e inesperados: o espetáculo "Naquele Bairro Encantado". Não se aproximando lentamente um quinteto de mascarados, velhinhos e velhinhas que pareciam vir de um lugar muito distante no tempo, trazendo música, lembranças e esperança para a comunidade através de um cortejo de casa em casa por uma das quadras da Ocupação Rosa Leão e pelo Conjunto Uirapuru.

Cantaram e tocaram canções em homenagem à força e coragem de todos aqueles que lutam e lutarão por uma vida digna, acompanhados em diversos momentos por artistas e cultores populares que fazem vida nessa ocupação. Entoa-se diversas músicas que já não tocam nas rádios, mas que compõem o vasto repertório que há décadas conta a vida dos trabalhadores por todo nosso território; músicas que foram cantadas

esse dia também pelos trabalhadores - camponeses, operários, cozinheiras, domésticas, caminhoneiros, estudantes, etc - que hoje fazem vida na Ocupação Rosa Leão.

Foram surpreendidos por sua humildade, simpatia e pela excelência e virtuosismo de sua arte, conquistando assim o coração de todos os presentes. Infelizmente, a ocupação é muito extensa e as ladeiras muito inclinadas para os idosos mascarados, e, apesar de apresentarem um espetáculo de quase três horas, muitos moradores das 15 quadras da ocupação não tiveram a oportunidade de desfrutar dessa obra de arte.

Da mesma maneira também o inesperado que chegou, o Grupo Teatro Público, foi se despedindo e desaparecendo, deixando a impressão de que foi tudo um sonho. Um sonho daqueles que deixam no coração a expectativa de um dia se reencontrar, e nutrem, como dessa vez, a esperança de um futuro melhor para aqueles cuja vida se constrói na luta.

Júlia Pereira

▶ NAQUELE BAIRRO ENCANTADO ◀

ASAS DA FANTASIA



ATORES VISITAM O SACOLÃO DE VALDEVINO SERAFIM, O SEU BELEZA

ALEXANDRE GUZANISHE/EM/D.A. PRESS

Artistas mascarados levam cultura e alegria para moradores de Venda Nova

AILTON MAGIOLI

Natural da Lagoinha, a aposentada Magnólia dos Anjos é uma das nove personagens da habitação teatral Na-quele Bairro Encantado que trocaram a tradicional região boêmia pela acelerada urbanização do Vetor Norte de BH. A desenfreada especulação imobiliária levou o Grupo Teatro Público a se instalar na casa de quatro quartos da Rua Alcides Lins, 188, em Venda Nova. E é de lá que a trupe promete envolver a comunidade em seu novo projeto: de sexta-feira a 25 de novembro, três episódios serão apresentados em ruas e praças. "Aqui, o aluguel está mais em conta para um bando de velhos aposentados", consola-se dona Magnólia, interpretada por Larissa Alberti. Zé Poeta (Rogério Lopes), Julieta Leite dos Prazeres, a dona Juju (Rafaela Kênia), Pietro Nappo (Marcelo Alessio), Magnólia e os novatos Odorico (Diego Poça) e Evaristo Rossi (Rafael Bottaro) são os seres mascarados que têm chamado a atenção em Venda Nova. Além de caminhar pelas ruas, eles têm recebido convidados: Paulo Pedro Pinto (Fernando Linares), Líria (Helena Mauro) e um personagem mantido em segredo, a cargo do bailarino Leandro Belilo.

VIZINHOS

"São pessoas maravilhosas", garante Weton Rausch Gea, de 48

anos, vizinho de frente dos atores. A casa desse motorista tem a fachada decorada por belas réplicas de aviões feitas em material reciclável pelo pai dele, Wilton Gea Zschaber. Weton não se assusta com o fato de a trupe sempre surgir mascarada, sem revelar a identidade dos inte-

grantes. "O importante é o que eles transmitem", afirma o motorista. O que o elenco vem ensinando aos moradores de Venda Nova importa mais que a aparência, garante.

Que o diga Valdevino Serafim dos Santos, o popular seu Beleza, de 73, proprietário de um sacolão. Acompanhado dos mascarados, ele teve a oportunidade de cantar *A flor do meu bairro*, de Adelino Moreira, enquanto atendia a clientela. "Espera, vou coar um café pra gente", reagiu seu Beleza, depois da serenata diurna embalada pelo sucesso de Nelson Gonçalves. "Vou até anotar esta data maravilhosa, uma história importante na vida da gente", anunciou o emocionado Valdevino.

O projeto do Grupo Teatro Público foi criado na Lagoinha, em março de 2011, quando o elenco alugou um imóvel no bairro. Posteriormente, a trupe participou do 11º Festival Internacional de Teatro Palco e Rua de Belo Horizonte, excursionou pelo Norte de Minas e foi a Portugal se apresentar no 9º Festival Teatro Agosto, no Fundão. Viabilizada pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura, a iniciativa é produto de mestrado e doutorado defendidos por Rogério Lopes na Universidade de Campinas (Unicamp) sobre o tema "O ator e o folião no jogo das máscaras da folia de reis". A convite de um produtor de Barcelona, o elenco planeja novo espetáculo para ser levado a países europeus que não falem português e espanhol.

PROGRAMAÇÃO

Episódio 1

Estranhos vizinhos

Em 5, 12 e 19 de novembro, das 17h30 às 19h30. Caminhadas e atividades no quarteirão formado pelas ruas João Lírio dos Santos e Alcides Lins, atrás da Regional Venda Nova

Episódio 2

Ensaio para uma serenata

Em 2, 9, 16 e 23 de novembro, das 20h às 22h. Cantoria na Praça Fernando Monteiro Lara, perto da quadra Gol a Gol, e na Rua Santa Cruz, perto da Regional Venda Nova

Episódio 3

Jogo da velha

Em 3, 4, 10, 11, 17, 18, 24 e 25 de novembro, às 19h. Rua Alcides Lins, 188, atrás da Regional Venda Nova. O público será convidado a conhecer a casa dos mascarados e sua intimidade

ARTES CÊNICAS

Teatro faz
do bairro
seu palcoDa
redação

Com a proposta de problematizar a questão do espaço urbano e sua ocupação pela arte e outras manifestações, o grupo Teatro Público apresenta, a partir da próxima sexta (2), mais uma temporada do projeto "Naquele Bairro Encantado". Agora com sede em Venda Nova, a trupe de mascarados promete, durante todo o mês de novembro, continuar a estabelecer relações diretas entre público e atores, sem demarcação de território ou palco definido.

Como parte do grupo de pesquisa do Teatro Universitário da Universidade Federal de Minas Ge-

rais – que completa 60 anos neste mês – a peça, enquadrada no conceito de "habitação teatral", se apropria de um imóvel nas imediações em que pretende atuar e passa a criar seus laços dali.

Já apresentado na integral no bairro da Lagoinha e no Festival Internacional de Teatro Palco e Rua (FIT-2012) e em partes no norte de Minas e até em Portugal, o espetáculo se divide em três episódios ("Estranhos Vizinhos", "Ensaio Para Uma Serenata" e "Jogo da Velha") para estreitar vínculos. Até o último domingo de novembro (25), caminhadas, serenatas e instalações cênicas guiadas pela trupe de mascarados tomarão conta do bairro da região norte da cidade.

"A ideia tem a ver com a vontade de sobrepor ficção e realidade para interagir mais com o público e, ao mesmo tempo, chamar a atenção para aquele bairro, tão castigado pelo processo de urbanização. A nossa proposta é mostrar que ali há vida e que a vizinhança não está completamente abandonada e entregue ao crack", explica o diretor Rogério Lopes, ressaltando o caráter de ação a longo prazo da ação.

"Permanecemos nove meses na casa da Lagoinha e os moradores nunca chegaram a nos conhecer sem as máscaras. Em Venda Nova completaremos três meses no mesmo esquema", diz.

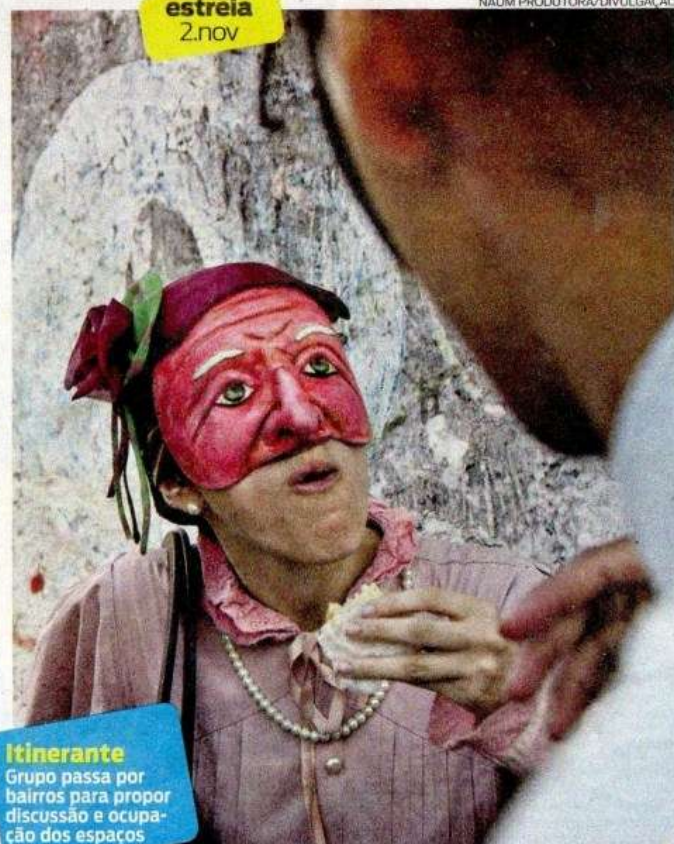
E na busca pela revitalização artística e preservação das tradições de bairros de histórica importância na capital, o grupo já programa para 2013 edições nos bairros Serra e Barreiro.

➤ Naquele Bairro Encantado

Com Teatro Público
Episódio 1: "Estranhos Vizinhos" (Quartirão formado pelas ruas João Lino dos Santos e Alcides Lins, atrás da Regional Venda Nova. Segundas, das 17h30 às 19h30).
Episódio 2: "Ensaio para uma Serenata" (Início na Praça Fernando Monteiro Lara. Sextas, das 20h às 22h).
Episódio 3: "Jogo da Velha" (Rua Alcides Lins, 188, atrás da Regional Venda Nova. Sábados e domingos, às 19h).

estreia
2.nov

NAUM PRODUTORA/DIVULGAÇÃO



Itinerante
Grupo passa por bairros para propor discussão e ocupação dos espaços

MAGAZINE

Dança

ESTREIA

Companhia Suspensa mostra a montagem "Quadronegro", na programação do FID. Página 3



www.otempo.com.br

O TEMPO | BELO HORIZONTE | SEXTA-FEIRA, 2 DE NOVEMBRO DE 2012

Artes cênicas

"Naquele Bairro Encantado" estreia hoje em Venda Nova

Passeio profundo por memórias da cidade

■ DANIEL TOLEDO

O que você faria se, em uma noite qualquer, ouvisse uma serenata na janela do seu quarto? O que faria se encontrasse um grupo de velhos mascarados caminhando calmamente pelas ruas do bairro onde mora? Ainda que pareçam cenários um tanto improváveis para a rotina de uma grande cidade como Belo Horizonte, essas cenas têm se tornado comuns no bairro Venda Nova, onde, desde setembro

do espetáculo "Naquele Bairro Encantado" tem sido criada em meio à convivência diária entre artistas do grupo Teatro Público e antigos moradores da região. Após dois meses de caminhadas e serenatas anônimas pelas ruas do bairro, os integrantes do grupo convidam a população de Belo Horizonte a assistir a três espetáculos, realizados entre hoje e o dia 25 de novembro (veja quadro na página 2), nos quais refletem sobre variados aspectos da vida urbana, além de revelar curiosidades específicas sobre a região de Venda Nova.

"Quem é de fora, por exemplo, não costuma imaginar que se trata de uma região de muitas casas com grandes quintais, que mais se parecem com sítios e chácaras. Essa, entre outras características, devem surpreender quem for ao bairro para assistir aos espetáculos", aposta Rogério Lopes, que assina concepção e direção do trabalho.

Além disso, conta o diretor, a região onde atualmente vivem os velhos mascarados chama atenção pela existência de fortes laços comunitários. "Moramos em uma casa onde, por muito tempo, viveu uma senhora chamada Leotina, e muitos dos nossos vizinhos são parentes dela", pontua o diretor, que ressalta a importância da convivência pre-

gressa para a realização dos espetáculos.

"Até que realmente nos aproximássemos da região, caminhamos muito pelo bairro, sempre mascarados, e conversamos bastante com as pessoas daqui", explica Lopes.

ESPETÁCULOS. É, aliás, a partir de uma rotina de caminhadas e conversas que se estrutura o espetáculo "Estranhos Vizinhos", apresentado sempre às segundas-feiras, a partir da próxima semana. Ao longo de duas horas, os velhos mascarados percorrem algumas ruas do bairro sem roteiro nem itinerário, estabelecendo imprevisíveis diálogos com os amigos conquistados ao longo dos últimos meses.

"Por conta das máscaras, acabamos nos aproximando mais rápido das pessoas e de suas experiências de vida. Em alguns momentos, parece mesmo que já habitamos o bairro há muito tempo", observa.

Intitulado "Ensaio Para uma Serenata", o outro espetáculo da série ocorre sempre às sextas-feiras e, apesar de já vir acontecendo há algumas semanas, somente a partir de hoje deve

contar com públicos oriundos de outras regiões da cidade.

"Essa estrutura de caminhar pelas ruas oferecendo serenatas aos moradores das casas é um elemento extremamente forte da cultura brasileira, mas que vem se perdendo muito ao longo do tempo", lamenta.

"Ao longo das serenatas, tanto oferecemos canções quanto ouvimos o que as pessoas têm a dizer sobre as músicas. Também há espaço, é claro, para que os moradores das casas cantem seus próprios repertórios", descreve o diretor.

Aos sábados e domingos, por outro lado, o espetáculo "Jogo da Velha" acontece dentro da casa dos velhos mascarados. Organizada como um espaço de exposição e memória, a residência tem suas portas abertas a quem queira explorar alguns registros da convivência entre os artistas e o bairro. "Ao contrário do que se poderia pensar, esses registros não vêm de qualquer ficção, mas de nossas experiências verdadeiras em meio ao contexto do bairro", esclarece.

CONTINUA NA PÁGINA 2



Memória. Ao longo de dois meses, velhos mascarados criaram amizades e memórias relacionadas à região

Dia de serenata

➤ **A partir das 20h** de hoje, os velhos mascarados darão início ao espetáculo "Ensaio Para Uma Serenata".

➤ **Sem itinerário definido,** o espetáculo terá início na praça Fernando Monteiro Lara, em Venda Nova.



FOTOS: GUSTAVO GONÇALVES

CONTINUAÇÃO DA CAPA

"Naquele Bairro Encantado"

FOTOS NAUM PRODUTORA/ATIVULGAÇÃO



Usando máscaras, artistas se aproximam de moradores locais

Do norte de Minas Gerais ao interior de Portugal

■ DANIEL TOLEDO

Criado especificamente para o bairro da Lagoinha, região habitada pelo grupo Teatro Público no segundo semestre de 2011, o espetáculo "Naquele Bairro Encantado" chega a sua segunda edição belo-horizontina com perspectivas e experiências que em muito superam suas primeiras expectativas.

"Inicialmente, pensávamos que o projeto não poderia sair da Lagoinha, com seu casario antigo e sua longa tradição, mas aos poucos percebemos que seria possível estabelecer relações com outros lugares, assumindo outros formatos e contextos", conta o diretor Rogério Lopes, que já levou o espetáculo a situações tão diferentes quando o norte de Minas e o interior de Portugal.

"Nesses casos, substituímos o conceito de 'Estranhos Vizinhos' por 'Estranhos Visitantes'. Nós já chegamos às cidades mascarados, em busca de um lugar onde poderíamos nos hospedar, e aproveitamos o passeio para divulgar a serenata, que seria o motivo da inusitada visita", explica Lopes, que encontrou boa receptividade em ambos os contextos visitados.

"O que percebemos, a partir dessas experiências, é que o ser humano tem uma disponibilidade e um potencial muito grande para brincar e imaginar, e que não precisamos de máqui-

Programe-se

"Estranhos Vizinhos"

Sempre às segundas (05, 12 e 19/11), das 17h30 às 19h30, no quartelão formado pelas ruas João Lírio dos Santos e Alcides Lins, atrás da Regional Venda Nova.

"Ensaio para uma Serenata"

Sempre às sextas (Hoje, 09, 16, e 23/11), das 20h às 22h, com início na praça Fernando Monteiro Lara, próximo à mesma regional.

"Jogo da Velha"

Sempre aos sábados e domingos (03 e 04, 10 e 11, 17 e 18, 24 e 25), às 19h, na rua Alcides Lins, 188, Venda Nova.

Em 2013, o espetáculo

"Ensaio para uma Serenata" será realizado nos bairros Serra e Barreiro. O trabalho tem apoio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura.

nas para que isso aconteça. Mesmo vivendo em um contexto no qual o lazer e a convivência são atravessados por atividades como a televisão e a internet, é importante lembrar que há possibilidades muito mais simples e tão potentes quanto elas", reflete Lopes, cuja pesquisa de doutorado reflete justamente sobre a centenária estrutura das Férias de Reis.



Ações se dão durante todo o dia, em meio a atividades corriqueiras

EM

CULTURA



Peter Loria, coreógrafo de *Frágil*, será apresentado amanhã pelo jovem Público das...

PÁG.

É TUDO VERDADE



Trupe do Grupo Teatro Público, que jamais tira a máscara em público, posa na sala de casa, na Rua Alcides Lins

HÁ UM MÊS, OS MORADORES DE VENDA NOVA CONVIVEM COM OS SERES MASCARADOS DO PROJETO NAQUEL BAIRO ENCANTADO. FANTASIA E REALIDADE SE MISTURAM NO DIA A DIA DESSA COMUNIDADE DA REGIÃO NOR

Artur Maciel

atual da Lagoinha, a aposentada Magnólia dos Anjos é uma das nove personagens da habitação teatral Naquele Bairro Encantado que reúne a tradicional região leste pela acelerada urbanização do Votororobá. A desmorfada especulação imobiliária levou o Grupo Teatro Público a se instalar na casa de quatro quartos da Rua Alcides Lins, 388, em Venda Nova. É de lá que a trupe promete envolver a comunidade em seu novo projeto: de sexta-feira a 25 de novembro, três episódios serão apresentados em ruas e praças.

"Aqui, o aluguel está mais em conta para um bando de velhos aposentados", comenta-se dona Magnólia, interpretada por Larissa Alberti. Ze Poeta (Rogério Lopes), Julieta Leite dos Prazeres, a dona Juja (Rafaela Kfima), Pietro Nappo (Marcelo Alessio), Magnólia e os novos Otávio (Diego Foca) e Evaristo (Rafael Bottaro) são os seres mascarados que têm chamado a atenção em Venda Nova. Além de carregar pelas ruas, eles têm recebido convitadas, Paulo Pedro Pinto (Fernando Linhares), Lirio (Helena Mauro) e um personagem mantido em segredo, a cargo do bailarino Leandro Bello.

Venda Nova, aliás, tem um fantasma — e é "datado". Desde sua primeira aparição, em 1989, na Quadra do Vilarinho, ele deixa saudades. Trata-se do capeta do Vilarinho, que, como gostam de lembrar os atores, é mais um dos seres misteriosos que rondam BH. Entre eles estão a Jorja do Bonfim, a moça-fantasma do bairro da Serra (inspiração para o poema de Carlos Drummond de Andrade) e a velhinha negociadora de praças do Palácio da Liberdade.

Quem gosta de falar do capeta é a conselheira, diverte-se Ze Capeta, referindo-se a Magnólia. O posses da Quadra do Vilarinho conta que o fantasma apareceu por lá, mas acabou sendo desenhado. "O portento teria tentado segurar, mas eles levam-



Atores visitam o salão de Valdevino Serafim dos Santos, o seu Belezão, que adorou cantar *A flor do meu bairro*

to a calça e deu um bico na perna dele", acrescenta Ze. E informa, depois da black music e do funk, os frequentadores da Quadra do Vilarinho aderiram à street dance. "Mas até hoje há o Baile da Sociedade da Dançeteria Flash Dance", comemora. Em meio a relatos assim, os personagens do projeto Naquele Bairro Encantado têm convivido há mais de um mês com a comunidade.

"São pessoas maravilhosas", garante Weton Rauch Gea, de 48 anos, vizinho de frente dos atores. A casa desse motorista tem a fachada decorada por belas réplicas de adesivos feitos em material reciclável pelo pai dele, Wilson Gea Zuchner. Weton não se assusta com o fato de a trupe sempre surgir mascarada, sem revelar a identidade dos integrantes. "O importante é o que eles transmitem", afirma o motorista. O que o elenco vem transmitindo aos moradores de Venda Nova importa mais que a aparência, garante.

Que o diga Valdevino Serafim dos Santos, o popular seu Belezão, de

73, proprietário de um salão. Acompanhado dos mascarados, ele teve a oportunidade de cantar *A flor do meu bairro*, de Adelfino Moreira, enquanto atendia a clientela. "Espera, vou coar um café pra gente", reagiu seu Belezão, depois da serenata diurna embalsamada pelo sucesso de Nelson Gonçalves. "Vou até anotar esta data maravilhosa, uma história importante na vida da gente", anunciou o emocionado Valdevino, enquanto sua cliente, dona Marinha, de 32, fazia questão de avisar: a namorada do comerciante não é ela. "Qual é o nome da filha?", perguntava Marinha, testemunha de Jeová, às personagens.

DOUTORADO O projeto do Grupo Teatro Público foi criado na Lagoinha, em março de 2011, quando o elenco alugou um imóvel no bairro. Posteriormente, a trupe participou do 11º Festival Internacional de Teatro Público e Rua de Belo Horizonte, excursionou pelo Norte de Minas e foi a Portugal se

apresentar no 9º Festival Teatro Agosto, no Fundão.

Votada pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura, a iniciativa é produto de mestradado e doutorado defendidos por Rogério Lopes na Universidade de Campinas (Unicamp) sobre o tema "O ator e o fôlego no jogo das máscaras da folia de reis". A convite de um produtor de Barro Preto, o elenco planeja novo espetáculo para ser levado a países europeus que não falem português e espanhol.

Coordenador do projeto, Rogério Lopes chama a atenção para o fato de os idosos — protagonistas da montagem — serem colecionadores de histórias. O uso da máscara é proposital, explica. "Eles quase revelam para as pessoas o que há de encantamento na vida delas", justifica, atribuindo ao adereço o papel de mediador entre plateia e personagem. "Cabe de provocar o jogo. Teatralmente, proporciona o distanciamento do público para não quebrar a fantasia", conclui.

SAIBA MAIS

POUSO DE TROPEIROS

Venda Nova é contemporânea do Curral d'el Rey, arrabal que deu origem ao atual município. Em 1731, a região já servia de pousado para tropeiros. "Os tropeiros tinham uma parada ali", afirma a historiadora Ana Maria de Melo, autora do livro *Leitões e Leitões*. Venda Nova tem cerca de 250 mil habitantes, 31 bairros e 16 vilas. Venda Nova recebe o impacto do crescimento da capital rumo ao Votororobá, irrigado pela Linha Verde e pela instalação da Cidade Administrativa. Há comércio e de serviços, a região carrega de indústrias para empregar os moradores e tem no transporte público um de seus maiores problemas.

NAQUELE BAIRO ENCANTADO

- Episódio 1 — Estranhas vizinhas** Em 5, 12 e 19 de novembro, das 17h30 às 19h30. Caminhadas e atividades no quarteirão formado pelas ruas João Lino dos Santos e Alcides Lins, atrás da Regional Venda Nova.
- Episódio 2 — Ensaio para uma serenata** Em 3, 4, 10, 11, 17, 18, 24 e 25 de novembro, às 19h. Rua Alcides Lins, 388, atrás da Regional Venda Nova. O público será convidado a conhecer a casa dos mascarados e sua intimidade.
- Episódio 3 — Jogo de velha** Em 3, 4, 10, 11, 17, 18, 24 e 25 de novembro, às 19h. Rua Alcides Lins, 388, atrás da Regional Venda Nova. O público será convidado a conhecer a casa dos mascarados e sua intimidade.

MAGAZINE

Teatro
FESTIVAL DE CURITIBA
Herdeiro artístico de Gerald Thomas, Caetano Vilela mostra 'Licht + Licht'. **Página 3**

RUBENS NEMITZ/RODOLFO GAGLIARDI



www.otempo.com.br

O TEMPO BELO HORIZONTE SEXTA-FEIRA, 6 DE ABRIL DE 2012

Arte urbana

FELIPE CHIMICATTI/OLIVIA GAGLIARDI



"Naquele Bairro Encantado". Depois de ocupar Lagoinha, grupo segue em direção a outros bairros da capital

Ao longo de 2012, vários artistas prometem ocupar BH com imagens, encenações, performances e muito mais

Cidade dos acontecimentos

■ DANIEL TOLEDO

Em uma rua qualquer do bairro Venda Nova, um grupo de seis velhinhas mascaradas oferece uma serenata a uma janela desconhecida. A alguns quilômetros dali, na Pampulha, um ônibus faz o mesmo trajeto de sempre, mas dessa vez ostenta uma bela fotografia – ou quem sabe uma poesia – em sua traseira.

No que depender de muitos artistas belo-horizontinos, e também da Fundação Municipal de Cultura, responsável pela recente aprovação de vários projetos artísticos que assumem os espaços públicos da cidade como territórios de ação, os habitantes da capital mineira podem esperar poéticas surpresas em seus trajetos urbanos ao longo do ano de 2012.

Entre esses artistas, está o ator e diretor Rogério Lopes, que, ao lado de outros cinco criadores, mudou-se para o bairro Lagoinha em março do ano passado e, desde então, levou boas doses de poesia e sociabilidade para a região.

Por meio de serenatas, festejos e muita conversa na porta de casa, os mascarados integrantes da intervenção "Naquele Bairro Encantado" surpreenderam moradores e frequentadores de um dos bairros mais tradicionais de Belo Horizonte e planejam, a partir da aprovação do projeto pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura, estender a ação a outras regiões da cidade.

"A partir da nossa expe-

riência, pudemos perceber o potencial desse trabalho no que se refere à recuperação de memórias das pessoas, assim como ao próprio prazer de se relacionar com os lugares onde vivem", conta Lopes, atualmente em busca de um novo lar para a trupe em outros tradicionais bairros da cidade, como Venda Nova, Barreiro e Serra.

"Assim como a Lagoinha, são bairros que nasceram antes mesmo de Belo Horizon-

TRAVESSÃO/OLIVIA GAGLIARDI

te e, hoje em dia, atravessam grandes dificuldades para preservar seu casario tradicional. O caso da Serra nos parece ainda mais complicado, pois o que se tem é uma verticalização absoluta, que nos deixa poucas opções de casas para serem alugadas e, a partir de então, ocupadas", analisa o diretor, para em seguida sinalizar que a nova residência deve iniciar-se em maio próximo.

Foi com intuito bastante semelhante que os artistas Elisa Marques e Nian Pissolati criaram o projeto Travessão, recém-aprovado pelo Fundo Municipal de Cultura. Baseado na criação de peças gráficas por coletivos de moradores de um mesmo bairro e posterior veiculação dessas peças nas traseiras dos ônibus que circulem pelas mesmas regiões, o projeto foi realizado pela primeira vez em 2010 e tam-

bém está prestes a ganhar nova edição, agora em outras regiões da cidade.

"Na primeira experiência do projeto, propusemos colocar dois bairros em comunicação por meio da linha de ônibus que os interligava. Aos poucos, contudo, percebemos que antes disso era necessário que os moradores conversassem com seus próprios bairros e se tornassem, então, mais seguros e inspirados para falar sobre eles", comenta Elisa Marques.

O que se percebe, segundo ela, é a materialização de relações afetivas diariamente cultivadas entre os moradores da cidade e seus espaços de vida. "Todo mundo já falou ou ouviu alguém falar expressões como 'meu ônibus' e 'meu ponto'. A ideia do projeto é valorizar essas relações de pertencimento e estranhamento, assim como as características de cada lugar e o próprio transporte público – que, apesar de ser o mais utilizado pela população, ainda carece de atenção", aponta.



Participe do projeto Travessão

Concebido por Elisa Marques e Nian Pissolati, o projeto Travessão – Coletivos em Conversa tem como base a veiculação de imagens artísticas em traseiras de ônibus urbanos.

Em sua 2ª edição, o projeto abriu inscrições para oficinas de criação de peças gráficas que serão veiculadas na traseira dos ônibus da linha 4410, que liga a Pampulha ao bairro Padre Eustáquio.

Além disso, o projeto oferece prêmios de R\$1.000 para artistas que criarem peças gráficas relacionadas à própria experiência em outro bairro da cidade.

As inscrições, gratuitas, podem ser feitas até o dia 29 de abril, em qualquer um dos Centros Culturais da Prefeitura de Belo Horizonte. Para obter mais informações, visite o site www.travessao.net.

principal

agenda entrada franca

agenda preço popular

espaços culturais

coberturas

notícias

curiosos e concursos

parceria

fale conosco

newsletter

release

Eventos gratuitos

27/12/11 a 04/01/12

O Centro de Cultura Belo Horizonte apresenta a exposição "Um Olhar Sobre Beagá" em homenagem aos 114 anos da capital mineira.

15/12/11 a 13/01/12

Punarte recebe a exposição de fotos "Vale do Paraíba - Brasil (parte I)"

10/11/11 a 06/01/12

Fuzus 2011 realiza pela primeira vez em Belo Horizonte sua exposição com instalações inéditas e as filmes de mostra competitiva do festival.

03/01/12 a 31/01/12

Exposição Cicle e Reticlo é destaque no Centro Cultural Jardim Guanabara.

29/12/11 a 30/01/12

Exposição revela olhar das crianças sobre o Morro do Papagaio

Notícias

OK

01/11/2011

Naquele Bairro Encantado

Sua história começa no momento da construção de Belo Horizonte. Habitada inicialmente por operários da construção da cidade, mais tarde se torna reduto da boemia. Hoje, os casarões antigos e moradores centenários, vivem escondidos atrás de viadutos, linha ferroviária e um intenso tráfego de carros e pessoas. Essa é a Lagoinha, cenário do projeto Naquele Bairro Encantado, que até o dia 20 de novembro apresenta 3 espetáculos em espaços diferentes da região.



"Naquele Bairro Encantado" propõe uma experiência de habitação teatral. Desde março, um grupo de 6 atores mascarados -sim, os moradores nunca os viram sem máscaras- alugaram uma casa no bairro Santo André, que integra a região. Literalmente habitando a região, o grupo percorre as ruas dos bairros, conhecendo seu cotidiano e mergulhando em suas histórias e memórias. Segundo o diretor e ator do projeto, Rogério Lopes, a ideia é propor um jogo cômico, onde suas identidades nunca são reveladas. Os moradores, no início desconfiados, chegaram a achar que se tratava de um grupo de mafiosos, se renderam a proposta. Para o Rogério, eles não são público, mas sim jogadores.

A ideia de trabalhar com a Lagoinha era um desejo antigo, conta o diretor. Morador da zona norte de BH, cruzava a região todos os dias, e a arquitetura e a história do local despertava sua curiosidade. Paralelo a isso, após concluir seu doutorado sobre folia de reis, Rogério queria fazer um espetáculo que, como na manifestação folclórica, percorresse a casa das pessoas. Unindo as duas ideias surgiu então o "Naquele Bairro Encantado". Mas ele explica que o interesse nunca foi fazer um espetáculo sobre a Lagoinha, mas sim, na Lagoinha.

Após 6 meses de imersão, o público é agora convidado a conhecer os resultados. Divididos em três episódios, o projeto também nos leva a uma imersão no bairro, ao percorrer as ruas e espaços culturais da região. Para Rogério, levar o público a Lagoinha é uma forma de contribuir para a sua revitalização e para formação de um novo olhar para esse espaço. "Ao visitar a região para assistir os espetáculos, as pessoas conhecem as riquezas da Lagoinha, como a arquitetura e seus moradores, que carregam a história do bairro. A região não teve sua história negada, ela está lá e sendo vivida", comenta. E para ele, o projeto atingiu seu objetivo ao possibilitar que a Lagoinha saia dos jornais, não nas páginas de cidades ou polícia, mas sim na de cultura. "É uma forma de contribuir para a formação de um novo olhar para bairro."

O Bairro Encantado

A nova capital começava a ser construída, imigrantes e operários chegavam e cidade para trabalhar na obra. A falta de espaço na região central fez com estes trabalhadores fossem deslocados para fora dos limites da Avenida do Contorno. Nasceu assim a Lagoinha.

Anos mais tarde, se transformou em um dos recantos prediletos dos boêmios da cidade. Hoje, com mais de 35 mil moradores, abrange Bonfim Santo André, São Cristóvão, Vila Senhor dos Passos, Conjunto IAPI e Pedreira Prado Lopes. Parte dos casarões não existem mais, foram derrubados e deram lugar ao complexo de viadutos, a uma Antônio Carlos mais larga. A violência e cacofonia que se instaurou por lá, rendem notícias diárias nos jornais.

Hoje há diversas iniciativas de revitalização da Lagoinha e a cultura tem desempenhado papel fundamental. Espaços como o Centro Cultural Nem Secos ajudam a manter a tradição da região. Os casarões tombados e as famílias que ali habitam há décadas, também são um símbolo da resistência e vontade de manter viva todas essas histórias que começaram junto a fundação com Belo Horizonte.

SERVIÇOS

EPISÓDIO I - ESTRANHOS VIZINHOS

As sextas-feiras, 4, 11 e 18 de novembro, das 17h às 20h - Ruas Itapeverica, Pedro Lessa e Além Paraíba. Atores mascarados caminham pela Lagoinha, realizando ações cotidianas e se reunindo com a população, tematizando aspectos histórico-sociais da área.

EPISÓDIO II - ENSAIO PARA UMA SERENATA

Aos sábados, dias 5, 12 e 19 de novembro, às 19h - Praça 15 de Junho (final da Rua Além Paraíba). Serenata reúne moradores, artistas e público.

EPISÓDIO III - JOGO DA VELHA

Aos domingos, dias 6, 13 e 20 de novembro, às 19h - Rua Ibiá, 163. Retirar senha 30 minutos antes da apresentação

Compartilhe



Notícias

OK

27/12/2011

Retrospectiva 2011 - Artes Cênicas

Nas artes cênicas o ano de 2011 já começou cheio, com a programação da 6ª edição do Verão Arte Contemporânea e da 37ª Campanha de Popularização do Teatro e Dança, que aconteceu nos meses de janeiro e fevereiro.



Em março uma novidade enriqueceu o cenário cultural da cidade, o [Grupo Espanca](#) inaugurou sua nova sede e Belo Horizonte ganhou um novo espaço cultural. Além do local de produção do grupo, o espaço abriga um pequeno teatro, que ao longo do ano foi palco de diversas apresentações e projetos. Também em março, a cidade recebeu o [FIMPRO - Festival Internacional de Improvisação](#), que trouxe a BH grupos de vários estados brasileiros, além de espetáculos da Colômbia, Argentina e Espanha.

Já em abril, foi a vez do [ECUM 2011 - 7º Fórum Internacional "Teatros da Radicalidade"](#), que ofereceu uma programação que se propunha refletir sobre as ideias e a obra de Jerzy Grotowski, nome fundamental do moderno teatro mundial.

Em junho e julho aconteceu o 12º Festival de Cena Curtas, do Galpão Cine Horto. O projeto apresentou 20 cenas de BH e diferentes regiões do país.

O [Festival Mundial de Circo](#) marcou a programação de agosto e setembro. O Festival trouxe a cidade espetáculos nacionais e internacionais, exposições, palestras, debates, oficinas, mostra de filmes, lançamento de livros, tudo sobre o mundo circense.

Outubro teve em sua programação o [FETO - Festival Estudantil de Teatro](#), que em sua 11ª edição apresentou 19 espetáculos, 6 oficinas, além de várias análises de espetáculos e encontros, divididos em 11 espaços da cidade.

E outubro foi também o mês do [FID - Festival Internacional de Dança](#), que comemorou 15 anos em 2011. Belo Horizonte recebeu espetáculos nacionais e de países como Singapura, Holanda, Bélgica e Marrocos.

Um Projeto que chamou a atenção foi o ["Naquele Bairro Encantado"](#), que realizou uma experiência de habitação teatral na região da Lagoinha. Para isso, um grupo de seis atores passaram o ano morando numa casa alugada na região, o resultado pode ser visto no mês de novembro, com a apresentação dos três episódios produzidos pelo grupo.

Além desses festivais, a cidade pode conferir grandes estreias, como "Tio Vânia" e "Eclipsa", do grupo Galpão e Marcha para Zenturo, do Espanca! Retrospectivas, como a comemoração dos 10 anos da Cia. Luna Lunera, também fizeram parte da programação de Belo Horizonte.

Com certeza deixamos de citar algum evento ou espetáculo, um simples texto não consegue relatar tudo o que aconteceu na área das artes cênicas na cidade. Mas o importante é perceber que em 2011 teve muito, mas muito teatro em BH!

www.guiaentradafranca.com.br

Fri Dec 30 12:38 10 2011

Apache

Compartilhe



Indique para um amigo

Postado por Artemis Caldeira Brant

Habitação teatral exhibe seus encantos

Espectáculo cênico "Naquele Bairro Encantado" é atração a partir de 19 horas de hoje no bairro Santo André

MIGUEL ANUNCIACÃO
mfernando@hojeemdia.com.br

Ao atravessar uma rua no bairro Jaqueline, região norte da capital, uma folia de reis da Pedreira Prado Lopes descobriu um caminho imenso e em volta para Rogério Lopes. Na época, era janeiro de 2001, ele era aluno do Teatro Universitário (TU) e estudava as obras de autores que o teatro reservava às máscaras expressivas e culturas estrangeiras. Diante, Rogério passou a se interessar por que não pesquisar também as máscaras utilizadas nas manifestações populares do Brasil. E seguiu.

Esta pergunta o conduziu ao jogo da velha que encerra a habitação teatral "Naquele Bairro Encantado", a partir de 19 horas de hoje, na Rua 14, no Santo André. Desde março, o projeto está sediado na Lagoinha, região de rica tradição histórica e boêmia, e de notória degradação no presente – a cracolândia vizinha ao Conjunto IAPI, por exemplo, pertence à região.

A habitação reúne oito profissionais do teatro: Fernando Linares, Larissa Alberti, Marcelo Alessio, Michele Braga, Rafael Bottaro, Rafaela Kênia, o próprio Rogério, idealizador do projeto e a portuguesa Sofia Cabrita. Ao longo de nove meses, todos se impuseram o anonimato sob máscaras, mas se misturando com a vida cotidiana do bairro pelo menos cinco dias por semana – Rogério expõe agora sua identidade para dimensionar o projeto, bancado por R\$ 70 mil, repassados pelo Fundo Municipal de Cultura.

Amparado por longo período de pesquisa, que além do interior de Minas também levou-o a recolher dados em outros estados do país (RJ, SP, ES, MA, entre outros), Rogério prestou mestrado e doutorado sobre as máscaras em manifestações populares na Escola de Artes Cênicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp/SP). Em janeiro, defendeu a tese "O Ator e o Folião, o Jogo das Máscaras na Folia de Reis", fruto de estudos entre 2002 e 2011, na observação *in loco* da folia que ainda perdura pelo país. A folia é mais uma manifestação do povo que morre aos poucos. Como tantas.

Ator formado no TU em 1995 (com "Alma Boa de Sete Anos", de Bertolt Brecht, sob a direção de Cida Falabella), nascido em Belo Horizonte e descendente de família de Gouveia, na região de Diamantina, onde ainda se comemora Reis, Rogério ainda não havia se dado conta "da força e do poder" teatral das máscaras da folia. Embora já avaliasse a energia espetacular de outras máscaras transpostas ao palco: as da comédia della arte italiana, as balneárias e a elaborada maquiagem-máscara utilizada no teatro nô e no kabuki japonês.

Antes de experimentar o "potencial gigantesco" das máscaras da folia fora do contexto da festa aos reis magos, Rogério sonhava produzir teatro na paisagem da Lagoinha. Um Nelson Rodrigues, uma versão de "Os Três Mosqueteiros", de Alexandre Dumas, no Mercado antigo, hoje praticamente em ruínas. Hoje, ele avalia que as máscaras que a habitação utiliza teriam potência semelhante às do Carnaval, já que jamais permitiriam a indiferença de quem entra em contato com elas.

A intenção sempre foi não explorar personagens na Lagoinha, que os atores não protegem as vozes, não reconfiguram seus corpos. Exceto Michele Braga, que se caracteriza como a Loura do Bonfim, a toiva sedutora do imaginário ocidental. Sobretudo, não tentará além da sugestão de anfitrião que Linares imprimiu na conexão das máscaras e ouvir as moradores, permitir que elas sejam tocadas e desatadas suas próprias histórias.

FOTOS: PEDRO CARVALHO/IMAGEM AUDIOVISUAL



O elenco: ao longo de nove meses, profissionais experientes se impuseram o anonimato sob máscaras, mas se misturando com a vida cotidiana do bairro



Noites de convívio: no bom tom do teatro e das serenatas

Reações inesquecíveis marcam o projeto

Além de circularem sem limites pelo bairro desde março, sem nunca mostrar seus rostos, os atores intensificaram presença a partir de agosto. As sextas, saíam em cortejo de 17 às 20 horas; aos sábados, serenata a partir de 19 horas; e, aos domingos, à mesma hora, abriam o endereço-sede do projeto à curiosidade pública.

Em outras noites de convívio, como a de hoje, o projeto de habitação teatral colheu reações inesquecíveis.

Mulheres que se diziam limitadas pela depressão, pelo isolamento, se sentiram motivadas a se dirigirem à serenata; senhores sóbrios, circunspetos, abriram o verbo para narrar sobre períodos áureos do bairro, quando os casa-

ções desabitadas e/ou invadidas atualmente compunham uma paisagem urbana elegante, de evidente bom gosto.

"Quem vem até aqui para nos ver percebe as belezas que ainda encontra"

"Dá pena ver tantos imóveis fechados e sem manutenção, enquanto os grupos de

teatro sofrem com a falta de uma sede", observa Rogério que se diz especialmente satisfeito por saber que a habitação do coletivo que dirige produz o preconceito de moradores de outras regiões com relação à Lagoinha.

"Quem vem até aqui para nos ver percebe as belezas que ainda encontra, e que não é tão perigosa assim, como se pensava", afirma.

Animado com os resultados dessa primeira experiência, o coletivo já se organiza para propor habitações do gênero. Talvez com duração menor, que não ultrapassem um mês. Noutros bairros históricos e importantes como Lagoinha, casos de Serra, Cidade Nova e Barreiro. (MA)

PROMOÇÃO!
Hotel grátis* para 1 criança no mesmo apto com dois adultos pagantes.

Porto Seguro - Terra Brasil
Aéreo, 7 noites com café, city tour, traslado e seguro. Saídas 28, 29 e 30/Dez. A partir de (R\$ 1.660)
R\$ 499 + 9x R\$ 329

Arraial D'Ajuda - P. Arraial Candeia
Aéreo, 7 noites com café, city tour, traslado e seguro. Saídas 28, 29 e 30/Dez. A partir de (R\$ 2.130)
R\$ 645 + 9x R\$ 165

Fortaleza - Vila Gale Fortaleza
Aéreo, 7 noites com café, city tour, traslado e seguro. Saída 29/Dez. A partir de (R\$ 3.360)
R\$ 1.011 + 9x R\$ 263

D'Beach Resort - Natal
Aéreo, 7 noites com café, city tour, praia de Camurupim, traslado e seguro. A partir de (R\$ 2.030) R\$ 608 + 9x R\$ 158

La Torre Resort - Porto Seguro
Aéreo, 7 noites com all inclusive, traslado e seguro. A partir de (R\$ 2.830) R\$ 850 + 9x R\$ 220

Vila Galé Fortaleza - Ceará
Aéreo, 7 noites com café, city tour, praia de Cumbuco, traslado e seguro. A partir de (R\$ 2.080) R\$ 622 + 9x R\$ 162

Costa do Saupe Club, Class, Park, Fun
Aéreo, 7 noites com sistema all inclusive, traslado e seguro. A partir de (R\$ 3.870) R\$ 1.161 + 9x R\$ 301

Cana Brava Resort - Bahia
Aéreo, 7 noites com península completa, traslado e seguro. A partir de (R\$ 2.602) R\$ 784 + 9x R\$ 202

Beach Class Resort Muro Alto - P. Galinhas
Aéreo, 7 noites com meia península, traslado e seguro. A partir de (R\$ 3.904) R\$ 1.168 + 9x R\$ 304

*Nota: Preço por pessoa em apartamento duplo saindo de Belo Horizonte, válido para data de publicação, sujeitos a disponibilidade e alteração sem prévio aviso. Não incluem taxas aeroportuárias e de serviços. Parcelamento em 12 parcelas (taxa à vista exclusiva para pagamentos em cheques e cartões até 30/11/2011). *Válido para saída de férias, somente para hospedagem.

www.nascimento.com.br Consulte seu agente de viagens ou ligue - Nascimento BH (31) 3254-6250

Teatro

Habitação cênica "Naquele Bairro Encantado" propõe um diálogo memorialista com a região

Uma deriva pelo Lagoinha ao lado de seres mascarados

■ JULIA GUIMARÃES

Prça XV, sábado, 19h. No coração do Lagoinha, tradicional bairro boêmio localizado na região Noroeste de Belo Horizonte, um grupo de figuras mascaradas munidas de cavaquinho, violão, caxixi, dentre outros instrumentos musicais, inicia uma serenata direcionada às casas do bairro.

Aos poucos, alguns moradores surgem nas janelas e reagem com certa nostalgia às canções antigas tocadas pelos mascarados. Entre uma música e outra, lembranças de tempos remotos são resgatadas e o diálogo com esses estranhos seres se torna uma legítima conversa de vizinhos.

A situação narrada acima é apenas uma dentre as várias propostas circunscritas na habitação teatral "Naquele Bairro Encantado", que tem movimentado o Lagoinha desde mar-

ço e, a partir deste fim de semana, abre suas atividades para o público geral.

Fruto da proposta do ator Rogério Lopes, que também dirige o trabalho, a ação busca criar um contraponto à situação de abandono do bairro pelo poder público, ao valorizar a memória do lugar a partir da interlocução com os moradores.

"Nessa proposta, as pessoas do bairro não são espectadores, são jogadores que constroem esse diálogo com a gente. Quisemos travar uma relação semelhante à das máscaras da Folia de Reis, que entram na casa das pessoas e não separam os espaços de ensaio e de apresentação", explica Lopes, que pesquisou a manifestação popular em sua tese de doutorado.

Para estabelecer um diálogo efetivo com os moradores da região, os atores do projeto alugaram uma casa

no bairro e só transitam por lá devidamente mascarados, sem nunca revelar sua identidade. Festas de aniversário, idas à barbearia e ao armazém fizeram parte da rotina dessas figuras pelos arredores, de maneira que, aos poucos, começaram a ser tratadas pela população como pessoas "reais".

Vestidos com roupas de época e com modos que re-

metem a outros tempos, tais seres se autodeclararam antigos moradores do local. "São figuras que viveram o período da juventude por lá, se mudaram e agora retornam ao bairro como se tivessem perdido a memória, e esse resgate se dá a partir do contato com os moradores. A partir do que eles dizem, vamos nos apropriando daquele discurso como se fosse nosso", conta Lopes.

AMBIGUIDADE. Se nas primeiras semanas os moradores insistiam em entender que tipo de teatro era aquele ou pediam para os atores retirarem as máscaras, com o tempo, a adesão ao jogo ficcional se tornou a tônica das relações.

"A máscara é capaz de nos mostrar que a pulsão de jogo, de brincadeira, é algo humano, está nas pessoas de um modo geral. Foi impressionante perceber como as pessoas aderiram a es-

se jogo. Nesse sentido, a máscara funciona como uma câmera, pois cria imediatamente a perspectiva de uma mise-en-scene nas pessoas", comenta o diretor.

Ao longo dos meses, o grupo encontrou a estrutura necessária para receber também o público de fora na sua proposta cênica. A partir de mapas, os espectadores localizam os pontos onde ocorrem as intervenções. "Em alguns dias, a localização é mais precisa, em outros, eles precisam passear pelo bairro para encontrar algo", diz o diretor.

A apresentação de hoje marca ainda a primeira vez em que a sede do grupo será aberta aos moradores e ao público. "Criamos um jogo que valoriza justamente a potência da ficção se instalando na realidade. E as máscaras têm algo de insólito, por isso fizemos questão de que nossas identidades nunca fossem reveladas".

FRUIR QUANTO À IDENTIDADE

Minientrevista

José de
Arimateia

Mascarado do Lagoinha

Qual é a sua principal lembrança do bairro? Quando eu era novo, tinha uma menina muito bonita no bairro, formosa mesmo, e eu era apaixonado por ela, mas daquele amor que não se revela. Eu era muito respeitoso, e ela, uma moça de família. Mas aí apareceu um danado, desavovado e sumiu com ela. Sofri muito com isso.

Como você formou seu grupo de serenata? A gente reunia um grupo de amigos, um pessoal do bairro que não se casou ou que agora é viúvo, como o Antenor. Ai tem pessoas que acham que a gente está fazendo teatro, mas já somos aposentados, nem trabalhamos mais. E como as pessoas pediam pra gente apresentar alguma coisa, começamos a ensaiar umas músicas.

E qual é a sua visão do Lagoinha hoje? Ele mudou na forma mas não mudou na alma. Aquelas estradas da avenida Antônio Carlos que não pararam de crescer e parecem uma lombria gigante foram separando o Lagoinha do centro, o bairro foi ficando uma tripinha. Mas a alma das pessoas é a mesma, a convivência com a boemia continua harmoniosa e a relação de vizinhança ainda é muito boa.

“
Ter bebido nos princípios da Folia de Reis foi fundamental para recriar outros espaços de representação no trabalho
”

Programação

O quê. Habitação teatral "Naquele Bairro Encantado"

Quando. Sexta, às 17h, sábados e domingos, às 19h. Até 20 de novembro

Onde. Sexta: ruas Itapevica, Pedro Lessa e Além Paraíba. Sábado: praça XV de Junho (fim da rua Além Paraíba). Domingo: rua 1014, 183, bairro Santo André

Retire sua senha 30 minutos antes



EM

CULTURA



NOVOS CAMINHOS

O músico carioca Pedro Luís mostra versatilidade em seu primeiro disco solo, *Tempo de menino*.

PÁGINA 5

Projetos culturais revitalizam a célebre região da boemia e do samba da capital mineira. Os atores do projeto Naquele bairro encantado se mudaram para lá e ensaiam pelas ruas

TALENTO

talentojoias.com.br/descubra



VIVA A LAGOINHA!

AILTON MAGIOLI

Ao som de *Felicidade*, o mascarado Zé Beta, interpretado pelo ator e diretor Rogério Lopes, recebe-nos ao portão da casa simples da Rua Ibiá, no Bairro Santo André. Enquanto isso, seus companheiros de habitação teatral, também mascarados, entoam a antológica canção de Lupicínio Rodrigues perfilados em portas e janelas.

Personagem do projeto Naquele bairro encantado, que movimentou a Região da Lagoinha desde janeiro, Zé Poeta se tornou figura popular. É cumprimentado por transeuntes e motoristas enquanto circula pelo Complexo da Lagoinha. A região tem cerca de 35 mil moradores, abrangendo o Bairro Bonfim, Conjunto BH, Pedreira Prado Lopes, Santo André, São Cristóvão e Vila Senhor dos Passos.

Os atores se mudaram para o Santo André em março. Com recursos aprovados na Lei Municipal de Incentivo à Cultura, a trupe quer resgatar o clima boêmio que fez da Lagoinha um dos pontos mais pitorescos dos azeites tempos de BH. Reduzido a dançarinos, seresteiros e amantes da noite, a região é um dos berços do samba do horizonte. Nasceu junto com a capital e abrigou operariado, migrantes vindos do interior e italianos. Todos devidamente representados no projeto Naquele bairro encantado, que de amanhã até 20 de novembro receberá o público para caminhadas, serenatas e instalações cênicas.

O grupo ensaia e faz caminhadas pelo bairro, que acabou resultando em apreciações particulares, de casa em casa, entre os moradores. "Desde o dia em que nos conhecemos, nos tornamos uma família", comemora Lourdes Oliveira Ventura, de 89 anos. Ex costureira da Fundação Clóvis Salgado, dona Lourdes se diz apaixonada pelos novos vizinhos, cujas serenatas fazem sucesso junto ao público terceira idade. O projeto possibilita aos moradores redescobrir a Lagoinha.

Por meio de conversas com moradores, os atores Rogério Lopes, Antônio Scaratti, Larissa Alberti, Rafaela Faria, Marcela Lessa e Sofia Cabrita alimentaram memórias e histórias das quais se apropriaram para a construção do espetáculo. O grupo conta que a população recebeu muito bem o projeto, apesar da surpresa da curiosidade sobre os mascarados. Eles chegaram a ser confundidos com integrantes de organização criminosa ou de milícia religiosa.

"Quase não os vejo, mas confesso que me encubula com as máscaras", reage aposentada Arlete Maria, visivelmente desconfortada com os novos vizinhos. "A convivência é tranquila, eles chegam a levar a garotada", acrescenta o microempresário Ivair da Cunha, ao lado da filha Maria Eduarda, de 4 anos.

"O jogo teatral incomoda. Há quem não tenha simpatia", reconhece o diretor Rogério Lopes. Rainha de congado, Elizete Gonçalves, a dona Bela, de 108 anos, está adorando a convivência com a trupe. "Eles são muito alegres", elogia a centenária moradora, que chegou à região quando tudo era brejo.



Ator mascarado ensaia em uma das casas da Rua Ibiá, no Bairro Santo André

Arte contra as drogas

Tendo em vista o problema da droga na região (a crackolândia funciona na Rua Turvo, divisa da Pedreira Prado Lopes com o Bairro São Cristóvão), a Associação Comunitária da Lagoinha e Adjacências - Lagoinha Viva! ampliou a sua base de atuação para todo o complexo, fazendo da cultura a grande aliada na luta contra o vício e tráfico.

A chegada dos grupos culturais é uma vitória para nós, que viemos de duas campanhas pró-Lagoinha, por meio das quais conseguimos a convocação de audiência pública da Câmara Municipal que resultou no plano de revitalização do complexo", comemora Filipe Thales. Tendo em vista a Copa do Mundo de 2014, ele pretende levar para a região o Circuito Cultural Lagoinha Viva! O Mercado Popular, praticamente abandonado, seria o principal ponto dos eventos.

Os pioneiros da revitalização cultural da região foram os integrantes do grupo musical Nem Secos, que inauguraram um centro artístico no Bonfim, em 2008. "Foi um tempo para cá, melhorou muito a interação com a comunidade", comemora o baixista e diretor musical Carlos Linhares. Ele anuncia para breve a estreia de *Dançando o vício*, o novo espetáculo do grupo. Dirigido pelo coreógrafo Beth Arenque, a sede alugada e mantida com a receita do estúdio musical que lá funciona para ensaios e gravações.

paço para festas. Os eventos promovidos pelo Nem Secos têm entrada franca, com doação de 1 kg de alimento ou um livro para a biblioteca comunitária.

Parceira do Nem Secos, a Cia. SeraQue?, que manteve sede de 2003 a 2005 na Avenida Antônio Carlos, aguarda o início das atividades da Associação Fabricarte para voltar para o bairro. "É uma região de potencial cultural e de público extremamente carentes de atenção e de acesso", constata o bailarino e coreógrafo Rui Moreira.

Presidente da Associação Fabricarte e coordenador do projeto que agilizou a transformação da antiga fábrica da Madeirenses Móveis e da residência da família Branco em A Fábrica - Centro Madeirense de Arte e Cultura, o músico e ator Leri Faria criou dois programas. O primeiro é o centro de arte, cultura e cidadania com sala multiuso de 150 lugares e alojamentos para 14 pessoas. Nos fundos, haverá praça de eventos aberta, com acesso pela Rua Turvo. O outro prevê centro de formação técnico-profissional voltado para as artes cênicas, música e arte visual. Orçado em R\$ 3 milhões, o projeto já captou a metade dos recursos por meio do Fundo Estadual de Cultura. Leri luta para mobilizar patrocinadores.

CIRCUITO CULTURAL LAGOINHA VIVA!

A FÁBRICA - CENTRO MADEIRENSE DE ARTE E CULTURA

Rua Itapeperica, 789, Lagoinha

NAQUELE BAIRRO ENCANTADO

Rua Ibiá, 183, Santo André

CENTRO CULTURAL NEM SECOS

Rua São Salvador, 9, Bonfim

TEATRO PROFESSOR NEY SOARES

UNI - BH, Rua Diamantina, 463, Lagoinha

CONFIRA

EPISÓDIO I - ESTRANHOS VIZINHOS

s sextos - feiras. Amanhã é dia 28; 4, 11 e 18 de novembro, das 17h às 20h - Ruas Itapeperica, Pedro Lessa e Além Paraíba. Atores mascarados caminham pela Lagoinha, realizando ações cotidianas e se reunindo com a população, tematizando aspectos histórico - sociais da área.

EPISÓDIO II - ENSAIO PARA UMA SERENATA

os sábados. Depois de amanhã é dia 29; dias 5, 12 e 19 de novembro, às 19h - Praça de Junho (final da Rua Além Paraíba). Serenata reúne moradores, artistas e público.

EPISÓDIO III - JOGO DA VELHA

os domingos. Dias 23 e 30; dias 6, 13 e 20 de novembro, às 19h - Rua Ibiá, 183. Retirar 30 minutos antes da apresentação.



Trupe do projeto Naquele bairro encantado se apresenta para moradores no meio da rua

NA INTERNET em.com.br

GALERIA

Veja atores mascarados em ação na Região da Lagoinha, em BH